

PARQUE ITAIMBÉ: DO PROJETO AO AFETO

Entrevista com o Arquiteto Luiz Gonzaga Binato de Almeida

**Luiz Gonzaga Binato de Almeida¹,
Fernanda Rodrigues Vargas², Hamilton Binato Júnior³,
Juliana Lamana Guma⁴, Marina de Alcântara⁵ e
Manoel Carlos Cardoso Vicente⁶**

Apresentação

O Programa CURA - Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada foi lançado em nível federal no Brasil na década de 1970 e previa a realização de diversas intervenções urbanas nas cidades brasileiras. Em Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul, um dos legados deste período foi a implantação do Parque Itaimbé.

O Parque Itaimbé traz na sua história de implantação a canalização do leito do Arroio Itaimbé. O Parque se desenvolve acompanhando o traçado do leito e margens, organizando-se em cota inferior às ruas adjacentes. Concluído no início da década de 1980, com aproximadamente 3 km de extensão e localizado no centro da cidade, o Parque destaca-se na paisagem local por ser uma das poucas áreas verdes disponíveis à população.

Entre os envolvidos na elaboração da proposta do Parque está o arquiteto Luiz Gonzaga Binato de Almeida, que acompanhou o projeto executivo e vivencia a evolução urbana do espaço até os dias atuais. Para além de compartilhar a experiência profissional da implantação do Parque Itaimbé na carreira do então jovem arquiteto Luiz Gonzaga Binato de Almeida, essa entrevista revela os afetos do entrevistado a partir da sua história pessoal com o Parque.

O arquiteto Luiz Gonzaga Binato de Almeida concedeu essa entrevista ao Projeto de Extensão [com]VIDA no dia 10 de março de 2023, cujos registros realizados em vídeo e áudio estão transcritos nestas páginas. O grupo extensionista trabalha com o tema do Parque Itaimbé desde 2021 e, entre as ações promovidas está o projeto denominado “História oral do Parque Itaimbé: afetos, memórias e evolução urbana”, buscando reconhecer o território, seus atores e dinâmicas.

1 Mestre em Patrimônio Cultural pelo programa de Mestrado Profissionalizante da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

2 Arquiteta e Urbanista pela Universidade Franciscana (UFN). Realizou a entrevista quando era estudante da graduação e bolsista de extensão UFN.

3 Arquiteto e Urbanista pela Universidade Franciscana (UFN). Egresso da primeira turma de Especialização Residência em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Realizou a entrevista quando era estudante da graduação e bolsista de extensão UFN.

4 Doutoranda em Desenvolvimento Regional (UNISC). Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo PROPUR da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

5 Mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenadora do Projeto de Extensão [com]VIDA.

6 Cinegrafista da UFN TV, TV Universitária da Universidade Franciscana (UFN).

Ainda que enfrente as dificuldades da gestão pública municipal para a sua manutenção, qualificação e uso efetivo da população, entende-se o Parque Itaimbé como um espaço verde público em potencial para a qualidade de vida urbana dos santamarienses. Nesse sentido, as ações desenvolvidas pelo [com]VIDA buscam resgatar e divulgar a história e atualizar o olhar da comunidade e da governança pública para o parque, entendendo-o como um aliado para superar os desafios para a implementação dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 que reconhecem as dimensões econômica, social e ambiental das cidades.

Entrevistadores

Fernanda Rodrigues Vargas e Hamilton Binato Júnior.

Roteiro

Fernanda Rodrigues Vargas e Juliana Lamana Guma.

Revisão

Juliana Lamana Guma e Marina de Alcântara.

Imagens

Manoel Carlos Cardoso Vicente

Entrevistado

Luiz Gonzaga Binato de Almeida – é natural de Carazinho/RS e formou-se em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1972. Possui especialização em Engenharia de Segurança (1978) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Foi professor na Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), na UFSM e na Universidade Luterana do Brasil/SM (ULBRA/SM) e também coordenador dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo da UFSM e da ULBRA/Santa Maria. Integrou a Comissão de Coordenação e Acompanhamento do Projeto CURA (Programa Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada) em Santa Maria, que viabilizou a implantação do Parque Itaimbé.

“Quando eu vim para Santa Maria, eu tive a oportunidade de participar de vários projetos urbanísticos. Não sou o autor do projeto do Parque Itaimbé, mas o acompanhei de maneira muito próxima. Depois de passar tantos anos, eu percebo que foi uma grande oportunidade, eu, recém-formado, ter a chance de estar em Santa Maria e participar de projetos importantes como o do Parque Itaimbé.”

Fernanda Rodrigues: Professor Binato, muito obrigada por aceitar nosso convite para participar dessa entrevista. Então vamos começar perguntando qual é a sua relação com a região antes do Parque?

Luiz Binato: Eu não nasci em Santa Maria, eu vim para Santa Maria. Começou uma verdadeira revolução urbana a partir de 1977, quando entrei na Prefeitura para um cargo em comissão, no sentido de pleitear recursos junto ao BNH, através do projeto CURA e alguns outros projetos específicos, que eu tive a oportunidade de acompanhar: o Plano Diretor Físico Territorial, através de uma empresa de São Paulo, a Proplasa, e alguns projetos pontuais que estavam incluídos nessa renovação de Santa Maria no final da década de 70. Houve realmente grandes reformas na cidade, principalmente na estrutura viária.

Havia o caso da chamada Avenida Itaimbé, que fazia parte do Plano Diretor anterior a esse que depois eu tive a oportunidade de coordenar e acompanhar através da empresa Proplasa. Havia uma tendência no Brasil de implantar avenidas laterais a cursos d'água. Muito antigamente eram arroios como o da Avenida Ipiranga, de Porto Alegre. O arroio Dilúvio fica a céu aberto. Depois, houve uma tendência de cobrir tudo com placas de concreto e criar uma avenida, porém, diga-se de passagem, é muito importante isso: havia aqui desde remotas eras o arroio Itaimbé, o curso d'água que dificultava a expansão da cidade na direção leste.

A gente pode ver - até eu trouxe aqui e depois podemos olhar um mapa de 1902 de Santa Maria - que a expansão urbana era na direção oeste. A leste, interrompia porque o arroio Itaimbé era generoso e as barrancas inclinadas dificultavam a movimentação de pessoas, a circulação viária e até a ocupação do solo. Fala-se nas pinguelas sobre o arroio Itaimbé para a passagem de pedestres, mas de maneira muito precária.

Então, quando eu cheguei aqui em 1977, houve necessidade de uma decisão. Já havia o projeto, o básico pelo menos, para que fosse implantada a Avenida e também havia uma série de viadutos sobre o arroio canalizado, o da Silva Jardim, o da Tuiuti etc. Todos já prontos, esperando um dia passar por baixo deles uma avenida. Mas nós percebemos o seguinte: em primeiro lugar, historicamente Santa Maria é muito precária em termos de áreas verdes, ou seja, logradouros tipo praça para diversão etc., as nossas praças centrais são do século XIX, vejam bem, e nós estamos no século XXI. Então, diante disso, percebia-se também que aquela avenida levaria a nada muito necessário. Não era interessante porque ela começaria nos trilhos da Viação Férrea e levaria à antiga Rodoviária, do outro lado.

Além de uma obra cara, parece que havia necessidade mais premente de criar um parque de recreação, elementos de lazer e esporte, aproveitando o leito do arroio que já estava canalizado, que continua até hoje lá, subterrâneo. Então se deparou com essa decisão e optou-se então pelo Parque, tendo em vista a proximidade do Centro e a possibilidade também de uma grande renovação urbana, através da implantação e valorização dos imóveis. Seria um chamamento muito grande para novos empreendimentos imobiliários, o que de fato aconteceu.

Então essa era a situação: um arroio já canalizado, os viadutos já existentes, mas sem uma solução. Eram barrancos, era um lodaçal, difícil até de transpor. Essa era a situação.

Fernanda Rodrigues: E qual era a expectativa da população com o projeto do Parque Itaimbé?

Luiz Binato: Havia sim, algumas pessoas que insistiam muito na questão do rodoviarismo, um urbanismo rodoviarista que eu não sou tão favorável. O automóvel é importante, mas eu acho muito mais interessante uma cidade ter um bom transporte coletivo. Mas aqui nós ainda temos muita vinculação com o automóvel particular, então parece que urbanizar, tratar de planejamento urbano, é resolver problemas de circulação de automóveis.

As tendências da época já traziam os calçadões. Eu tive a oportunidade de fazer o primeiro projeto do Calçadão. Foi inaugurado em 1979, oportunizando a humanização ao Centro da cidade. Estava embutida, também nessa continuidade natural do Calçadão, a Praça e o Parque, pois este seria uma atração muito grande. A população aceitou, ficou muito contente porque resolveu-se um problema. Antes eram alguns quilômetros de lodaçal. Então, tudo que se fizesse era bom, principalmente até porque representou áreas de lazer, esportes e quiosques naquela região.

A resposta melhor é justamente a valorização de todo o entorno. A regularização foi uma fase bastante interessante: regularizar todos os lotes, as divisas, as questões imobiliárias, não foi fácil. Algumas desapropriações aconteceram para permitir isso. A resposta é essa: houve uma solução bem mais humana do que uma avenida.

Fernanda Rodrigues: E como se deu o seu envolvimento com a equipe do projeto?

Luiz Binato: Bom, eu era assessor. No início, o único arquiteto vinculado ao planejamento urbano na Prefeitura de Santa Maria. Não era cargo efetivo, era um cargo em comissão. Eu era assessor de planejamento do gabinete do prefeito. Nós tivemos uma pessoa fundamental na época: o secretário de administração Carlos Alberto Robinson, muito sensível para o planejamento urbano, tanto que ele já tinha cursado na UFRGS o Propur, Programa de Pós-graduação em Urbanismo. Era advogado. Tinha experiência. Ele tinha sido vereador. Foi a cabeça pensante nessa administração para criar, inclusive, uma secretaria de planejamento, fazer novo plano diretor e tratar dessas obras.

O meu papel foi o seguinte: como eu acompanhava diversos projetos, um deles fundamental e executivo que era o projeto CURA - Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada, o qual existia em várias cidades, tratei de alguns projetos isolados, como o Calçadão, que foi implantado com recursos a fundo perdido do Programa de Apoio às Cidades de Porte Médio. Eu acompanhei o projeto do Parque, mas não o realizei, porque nem haveria tempo e nem possibilidade de executar um projeto com tanta complexidade em termos de paisagismo, aspectos viários, essa questão toda das propriedades... Era tudo realmente muito complexo. Como eu sempre fui professor, fui docente também na UNISINOS e me lembrava de um ótimo aluno que hoje é arquiteto consagrado aqui, o Carlos André Fernandes Arzeno. Ele não era da Prefeitura, mas foi contratado para realizar o projeto. Na parte da vegetação, contamos com a ótima arquiteta Silvia Zembruski Nunes, formada na UFPel, a qual fora minha colaboradora no projeto do Calçadão. A execução e a responsabilidade eram deles. Eu só acompanhava e administrava. Foi muito interessante a complexidade, desde a questão técnica da topografia, das questões fundiárias, das decisões sobre o projeto em si. Eu me lembro que foi dividido em vários setores, um setor com prioridade para a recreação, outros, com mais esportes, canchas, além de alguns quiosques para criar atrações, então ele é claramente dividido em setores e é bem longo. É um parque linear. Começa na Avenida N.ª Sr.ª das Dores e termina nos trilhos da Viação Férrea.

Fernanda Rodrigues: Qual era a sua expectativa?

Luiz Binato: Bom, eu sou muito otimista. Toda obra nova eu a vejo com bons olhos. Foi bem pensado, havia muita necessidade de áreas verdes e áreas públicas para recreação, lazer e principalmente esportes. O fato de terminar a dificuldade de expansão da cidade na direção leste, isso em termos de urbanismo, eu achava de excelente qualidade. E eu previa justamente que houvesse a recuperação do entorno. Acho que o projeto foi muito bom, muito bem concebido. Só que eu aproveito agora a oportunidade para falar um pouco sobre a nossa realidade: há uma tradição que eu acho muito própria da nossa cidade, a de conseguir recursos para implantar a obra, mas a manutenção sempre deixar a desejar. Então é como a residência, se não cuidamos da nossa casa, ela tende a tornar-se ruína.

As árvores levam algum tempo para crescer. A vegetação foi toda implantada, não tinha nenhuma árvore no local porque, como falei, lá era um lodaçal, então levou muito tempo pra elas chegarem ao porte desejável. A população aderiu, ocorreu a ocupação. Quantos blocos, quantos apartamentos, quantos edifícios e empresas se localizaram ao longo do Parque? Depois teve a implantação de um prédio importante, o SESC, aquela arquitetura contemporânea, mais para baixo, perto do antigo Clube Lanterna Verde. Tudo isso foi em função do Parque. Eu gosto de caminhar por ali, então eu lamento pela falta de manutenção. Aquele anfiteatro, por exemplo, está péssimo. Era bom quando a gente chegava e os artistas estavam por lá, mas a manutenção falhou. A da vegetação também. Acho que também não foi boa a ocupação embaixo dos viadutos. Acho que não ficou adequado. Houve falhas na manutenção, hoje tudo está bastante precário, mas é recuperável. Isso se refere a qualquer obra pública, não só ao Parque.

Fernanda Rodrigues: Como foram definidos os limites do Parque?

Luiz Binato: Como a maior parte dos limites eram fundos de terrenos, a maioria das propriedades tinha frente não para o futuro Parque, pois não havia nem avenida, nem parque. Eram bastante irregulares os limites das propriedades. Já comentei que havia necessidade de regularizá-las. Elas avançavam além do que estava no Registro de Imóveis. Houve necessidade de um certo alargamento. Ocorreram, então, desapropriações e indenizações a proprietários.

Foi uma ação muito complicada. Primeiro, ter a certeza das dimensões de cada lote, um levantamento topográfico bastante delicado e realmente muito importante. Depois, toda a parte jurídica dessas questões também, mas aceitou-se que não tivesse um traçado ideal de duas curvas sinuosas paralelas. Isso criou um dinamismo bastante interessante, na minha opinião. Essa irregularidade se percebe mais na parte sul, porque quando vai-se chegando nos trilhos o Parque é mais amplo. Ali os terrenos eram menos valorizados, então houve oportunidade de fazer, inclusive, as pistas de esportes naquela região. Foi um trabalho realmente muito sério e muito interessante.

Fernanda Rodrigues: O Parque e a Avenida Itaimbé realmente surgiram como uma forma de ligar a Estação Férrea com a antiga rodoviária?

Luiz Binato: Não era essa a ideia. Isso nunca foi cogitado. Porque a gente percebia, já na década de 70, que haveria a decadência do transporte de trem. Poderia mesmo alguém dizer isso, que ligaria a ferrovia à Rodoviária, mas não havia nem expectativa, nem necessidade, porque se percebia cada vez mais que o trem estava sendo utilizado cada vez menos, até que chegou à extinção como meio de transporte.

Realmente, seria uma avenida cara, suntuosa, pode-se dizer, mas quase um modismo que não era prático. E veja bem, coerente com essa questão da avenida, muitas pessoas não sabem o porquê da localização ali de um bom hotel na época, que é o

Hotel Itaimbé. Porque estava previsto, nesse contexto de avenida, um hotel de alta categoria, como ele realmente foi construído, e uma Esplanada Cívica para a Prefeitura, coerente com a Avenida. Então o Hotel Itaimbé ficou até meio isolado enquanto não houve o Parque e depois, como uma alternativa mais modesta e menos ambiciosa, que é o prédio da Prefeitura do lado de cá, que não corresponde àquele ideal se fosse em uma avenida.

Fernanda Rodrigues: Se o senhor pudesse mudar algo no projeto do Parque, o que seria?

Luiz Binato: Bom, eu nunca pensei nisso. Acima de tudo, eu acho que eu não mudaria muita coisa. Porque eu penso que o problema ali é de manutenção. Qual é a função daquele parque? Quadras de esportes. Então o problema é de manutenção das quadras de esportes, zeladoria, cuidados, vestiários, etc... ou seja, eles estão bem localizados. A vegetação é bonita, é agradável, mas se ela fosse bem cuidada, podada quando os galhos caem e tudo fosse limpo, arrumado... Os quiosques deixam a desejar, os usos não foram os ideais, são meio precários. Aquele que a gente chama de Bombril, o Garibaldi Pogetti, é um auditório muito interessante. Eu me lembro muito bem que foi feito em função do Parque para atividades múltiplas. É bem versátil, só que sempre, conforme eu digo, nosso problema é conseguir recursos e uma política de manutenção. Sinceramente, não iria modificar. Acho que eu faria os quiosques um pouco mais generosos em termos de área.

Fernanda Rodrigues: Atualmente o senhor frequenta o Parque?

Luiz Binato: Digo e repito: é um verde muito ameno. Eu faço minha caminhada, então vou até a antiga rodoviária, depois volto por outro lugar. Percebo aquela oxigenação, os verdes, os pássaros e até mesmo as pessoas. Vejo pessoas fazendo yoga, curtindo espaços, mesmo que precários, não limpos e organizados como gostaríamos. Mas a resposta principal é que ele é utilizado pelo público. Quando eu passo pelo anfiteatro, imagino tudo arrumadinho ali, podendo ser usado dia e noite.

Fernanda Rodrigues: O que o senhor acha que o Parque significa para Santa Maria?

Luiz Binato: O pessoal não percebe o quanto ele é importante porque ninguém se dá conta de que um dia ele foi um prejuízo, uma impossibilidade, uma barreira de expansão da cidade. Então só isso já dá uma resposta positiva da importância desse Parque para Santa Maria.

Fernanda Rodrigues: E o que o Parque significa para o senhor?

Luiz Binato: Eu estou com 75 anos. Quando tinha 29, 30 anos, eu recém tinha saído da Faculdade. Pode-se dizer que era um jovem arquiteto. Ter a oportunidade de com menos de 30 anos coordenar um Plano Diretor, acompanhando e fiscalizando essa grande empresa de São Paulo, a Proplasa, com excelentes arquitetos, até Burle Marx esteve aqui dando palestra, o projeto do Calçadão, entre outros... Quatro ou cinco anos depois de terminar o Curso de Arquitetura eu tive essa chance aqui em Santa Maria, dada pelo Carlos Alberto Rosa e pelo prefeito da época.

Só que foi um período muito curto. Tive que ir para a Europa para um curso, então eu passei pouco tempo nessa atividade. Não pude acompanhar até o final a implantação, por exemplo, do projeto CURA que eu também coordenei.

Eu lembro como uma oportunidade em termos profissionais e do amor que passei a alimentar por esta cidade. Quando eu vim para cá, em 1977, por exemplo, os fundos do Colégio Centenário era um verde sem fim e não havia nada daquilo, a Rodoviária, tudo seria novo para nós.

Inúmeras avenidas que hoje existem eram barro. Nos dias de chuva não dava para transitar. Calçamento, pavimentação... foi tudo muito forte e eu participei... Eu tinha consciência disso. Participei de projetos fundamentais para a melhoria da cidade. É assim que eu vejo hoje e é por isso que eu venho com muito prazer dar esse depoimento para vocês, para ajudar e sempre dizer para os acadêmicos que eles procurem as oportunidades, que elas não vêm do céu. A gente tem que bater na porta e conseguir. Não é só de aulas que existe o Curso, não só de projetos e práticas, mas também da experiência profissional.

Fernanda Rodrigues: Chegamos ao fim do nosso roteiro da entrevista, mas eu queria perguntar se o senhor tem alguma história com o Parque, alguma memória **pessoal**...

Luiz Binato: Não é coisa do outro mundo, mas quando iam começar as obras eu morava em uma casa em uma esquina ali que existe até hoje, eu tinha bons vizinhos e tal... A minha história é justamente esta. Eu tinha um menino pequenininho de 1 ano e pouco e de vez em quando ele fugia por ali e a gente tinha que caçar o Luciano pela zona, porque ele adorava tudo aquilo ali, ainda tudo meio provisório. Eu saía correndo atrás do menino perdido. Depois nasceu o segundo filho, mas em outro local. Então é mais um aspecto sentimental também essa questão. Eu só tenho coisas boas para falar sobre aquele lugar, eu também vivenciei a implantação da obra por pouco tempo, não mais que dois anos. Não chegou a ficar totalmente pronto.

Fernanda Rodrigues: O senhor gostava de morar ali na região do Parque?

Luiz Binato: Gostava. E hoje seria melhor, pois não estava pronto ainda. Eu acho muito interessante e eu gosto da Zona Central ou muito próxima do Centro por causa dos equipamentos que oferece. Só que eu gostaria, se eu morasse ali, que o Bombril oferecesse shows, que o anfiteatro estivesse funcionando, que estivesse tudo muito bem nas canchas, que eu pudesse fazer um esporte ali, caminhadas e tal... Sempre minha queixa é essa, a questão da continuidade das obras.

Fernanda Rodrigues: Muito obrigada pela participação no nosso projeto.

Luiz Binato: Foi um prazer, sempre que precisarem estarei à disposição.



Imagem 1 - Luiz Gonzaga Binato de Almeida durante a entrevista concedida a Fernanda Rodrigues Vargas e Hamilton Binato Júnior. Imagem 2 - Luiz Gonzaga Binato de Almeida mostra fotos antigas do centro de Santa Maria para os entrevistadores.